

SELEÇÃO DE POEMAS

Ricardo Gil Soeiro

1.

por ti vou até ao fim do tempo

sem dia triunfal ou heterónimos esquecidos,
serei apenas vulgar superherói e, de capa encantada, altivo voarei

mas temo que me tomem à letra por turista accidental.
assim, imitarei trejeitos de poeta: calar palavras, inventar silêncio
à vista de todos e sem disfarce,
trarei comigo apenas um transparente véu com que sonhar...

às escondidas, nos meus sonhos,
vi amplos palácios revelados, ilhas secretas brilhando entre os murmúrios;
porém, desengonçado, na mochila trago versos:
novalis, pessoa e outros passos perdidos,

e ninguém me acompanha nesta estrada solitária:
atrevido-me a uma nova alma, acabada de estrear,
permaneço foragido com a eterna bagagem de outros fantasmas:
fingindo-me deus, a todos procurei enganar.

hoje (*ritardando*),
despido da minha túnica de nesso, arrependo-me de ter ousado
esta lírica viagem à terra dos diáfanos centauros:
mas não deixo testamento:
sem cautela, prefiro proferir o teu falso nome, e tudo me doeu,
sussurrando-te ao ouvido... quantos dias me faltam para a morte.

passageiro clandestino e pobre na arte do verso,
ignoro, temerário, o mandato de captura
e, na penumbra, vou ser quem sou e mostrar a ideia que tenho do infinito.
sem pontos cardeais,
resta-me assumir o risco de ser humano
e, insensato, deixar cair a máscara de repente
por ti, à luz do dia me entregarei à polícia de fronteira
assim visível e indefeso, oferenda de que se tece o manto do destino.

tenho pressa:
irei fugir nova vez pela calada,
e, em forma epistolar, esconder este corpo à deriva,
queimando inúteis quilómetros e aprendendo como se solta a morte:
infausta condição de ser amante e ser morrente.

pouco me importa que vá preso ao rumor do dia...
e agrada-me ter assim este desfecho:
de mim evadido e cambiando rostos,
escrevo cartas a um jovem poeta e olvido o livro do filósofo,
ao mesmo tempo que emigro para o outro lado do tempo,
enquanto tu, ambicioso, traficas novas existências...
e tudo o que há a dizer é: amo o vazio e os segredos com abismo dentro

eis o que me falta:

por ti ir ao fim do mundo

2.

acredita: é só um rumor:
não sei escrever o vento, nem como se nasce outra vez.

nunca soube como se tece no piano a face vazia do tempo.

por favor, não perguntas:
pois eu não sei como germina um poema,
nem quantos dias cabem no teu rosto.

E como se conjuga a cidade e o adeus?

Perguntas, mas eu não sei o que é a morte.

3.

I

adormecem as lágrimas; para começar é esta a minha premissa:
dizia novalis que onde não há deuses reinam os espectros

de um lado da vida,
tu continuas a saborear o que resta da lua surrealista;

do outro lado,
a chuva continua desenhando círculos perfeitos nos charcos imundos;

segreda-me se serei eu a tua eterna vertigem.

II

murmuras-me o último verso:
estamos em dezembro e o mar, sempre o mar insiste,
sou incapaz de morrer sem ter este mar por perto
a arrumar os teus graciosos cabelos de fogo.

III

Ao som de arvo pärt,
fazes as malas esburacadas e eu ofereço-te uma pedra mágica.

Entretanto, esqueci a razão banal por que, na era dos primeiros relâmpagos,
te foste embora soltando o sopro e o ribombar do sangue espesso.

E é vento que enlaça o fogo e a água:
dentro da canção exilada,
vamos beber juntos o inesperado naufrágio dos planetas.

A morte está de pés descalços,
perdida nos degraus da dor,
e tu comesças a falar-me, sem glória, das coisas mais sublimes.